



CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO HUMANA PRESENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA – BAHIA

CONCEPTION OF HUMAN TRAINING PRESENT IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN THE MUNICIPALITY OF FEIRA DE SANTANA- BAHIA

Matheus Silva de Almeida. Prof. Esp. do Centro Universitário Leonardo da Vinci.

matheusalmeida201@hotmail.com

Wellington Araújo Silva. Prof. Dr. Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana.

welingtonaraujo@gmail.com

RESUMO

Este estudo trata-se de uma investigação acerca do processo de formação humana nas aulas de Educação Física escolar. O objetivo geral foi compreender a concepção de formação humana que está presente na Educação Física escolar do município de Feira de Santana – Bahia. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de caráter exploratório e de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de diferentes instrumentos, a saber: observação assistemática, entrevista semiestruturada e análise documental, que foram analisados através do método de análise hermenêutico-dialético, de Minayo. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do município de Feira de Santana – BA. Os participantes da pesquisa foram

ABSTRACT

This study is an investigation into the process of human formation in school physical education classes. This research had the general objective of understanding the conception of human formation that is present in school physical education in the municipality of Feira de Santana- Bahia. This work is characterized as field research, of an exploratory nature and with a qualitative approach. Data were collected using different instruments, namely: unsystematic observation, semi-structured interview, document analysis, which were analyzed using Minayo's hermeneutic-dialectic analysis method. The research was carried out in a state school in the city of Feira de Santana – BA. The research participants were 2

os 2 (dois) professores de Educação Física, ambos atuantes na escola, e na educação básica (rede pública estadual de ensino da cidade de Feira de Santana). Os docentes participantes da pesquisa, embora comprometidos com sua prática pedagógica na escola, apresentaram fragilidades no que tange à concepção de formação humana presentes nas aulas de Educação Física. Dessa forma, é preciso refletir sobre qual função social o componente Educação Física vem ocupando na escola.

Palavra-chave: formação humana; educação física; escola.

(two) Physical Education teachers, both working at school and in basic education (state public education system in the city of Feira de Santana). The teachers participating in the research, although committed to their pedagogical practice at school, present weaknesses in terms of the conception of human formation present in physical education classes, therefore, it is necessary to reflect on which social function the component Physical Education has been occupying in the school.

Keywords: human formation; physical education; school.

1 INTRODUÇÃO

Para situar a Educação Física Escolar, devemos analisar alguns elementos educacionais-humano-sociais, como: a função social da escola; a concepção de humano que se quer formar; como a Educação Física está nesse contexto; e qual a relação entre os elementos citados com o modo de produção/reprodução da vida em uma sociedade mediada pelo capital.

Diante disso, faz-se necessário explicitar a função social da escola, que é, fundamentalmente, a transmissão dos conhecimentos/habilidades essenciais para a formação humana dos sujeitos e, dessa maneira, dando-nos condições objetivas para interagir e/ou intervir com a vida em sociedade (Saviani, 2012). Como esta instituição não está isolada do contexto social do capitalismo, a escola sofre interferência direta dos interesses dos detentores do meio de produção. Logo, a instituição escolar está perdendo a sua função social primária, da transmissão/assimilação dos conteúdos, dando margem aos elementos secundários, como: suprir necessidades alimentares, tratar doenças, promover festas comemorativas, substituir a educação familiar etc. (Resende; Soares, 1996).

Na escola, estão presentes diversos conhecimentos sistematizados, referentes aos componentes curriculares. Dentre esses, estão os conhecimentos da cultura

corporal, dos quais a Educação Física se apropria. A cultura corporal refere-se a uma área de conhecimento das práticas corporais, como: jogo, esporte, ginástica, dança, capoeira e luta. Esses conhecimentos foram produzidos e acumulados historicamente pela humanidade, e a abordagem metodológica crítico-superadora defende que a classe trabalhadora, presente na escola, deve se apropriar dos mesmos para promover a transformação da sociedade e o combate à ideologia da classe dominante, que defende a manutenção do capitalismo. Nesse contexto, a escola pode se tornar um aparelho ideológico do estado, em que a formação humana e a emancipação do sujeito não sejam os objetivos da educação e da Educação Física Escolar (Castellani Filho *et al.*, 2009).

Nas aulas de Educação Física, quando traçado um paralelo histórico do objetivo desse saber sistematizado com a formação dos indivíduos, constata-se que atendeu as necessidades da sociedade onde estava inserida, colocando assim, em sua prática social, as características necessárias aos sujeitos para viverem no contexto que ali estavam. Exemplo disso é que, ao longo do tempo, a Educação Física teve diferentes concepções, a saber: higienistas, militarista e esportivizadora (Resende; Soares, 1996).

A relação apresentada entre educação, Educação Física e sociedade, a partir de uma concepção de humanidade e sociedade, manifesta-se nas aulas de Educação Física e se materializa na organização do trabalho pedagógico dos professores. Pensando em uma superação social em uma sociedade de classes, a abordagem crítico-superadora sistematiza as relações da educação, Educação Física e sociedade, situando a classe trabalhadora nesse movimento (Resende; Soares, 1996).

Diante disso, surgiu a pergunta de investigação: qual a concepção de formação humana que está presente nas aulas de Educação Física Escolar no município de Feira de Santana – BA? E, desta forma, o objetivo geral deste trabalho é compreender a concepção de formação humana que está presente na Educação Física Escolar do município de Feira de Santana.

Para conseguir responder ao questionamento, foram traçados alguns objetivos específicos, a saber: identificar como a Educação Física se apresenta no ambiente escolar e a contribuição da Educação Física para a formação humana. Assim, foram analisados o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola pesquisada, bem como o

planejamento dos professores; além disso, foram utilizados os dados levantados nas observações das aulas e nas entrevistas semiestruturadas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa se tratou de um estudo de caso. Segundo Triviños (1987), esse método visa analisar profundamente um objeto em sua totalidade, traçando relações contextuais que perpassam o objetivo geral do estudo. A abordagem utilizada nesta investigação foi a da pesquisa qualitativa, que, segundo Minayo (2009), esta forma de estudo advém das Ciências Sociais, que busca responder as questões particulares, como: significados, motivos, atitude, entre outras.

Já no tange ao caráter da pesquisa, foi descritiva, pois, segundo Triviños (1987), é o estudo mais utilizado nas pesquisas voltadas ao campo da educação, tendo como foco essencial conhecer a comunidade pesquisada, seus costumes, sujeitos envolvidos, professores e alunos.

A pesquisa ocorreu em uma escola pública estadual do município de Feira de Santana. Foram utilizados alguns critérios de inclusão, a saber: a) que a escola possuísse em seu quadro pedagógico pelo menos dois professores de Educação Física com formação na área e que estivessem ministrando o componente curricular, e que nenhum dos professores estivesse de licença das suas funções da escola; b) que a instituição fosse de médio ou grande porte e que oferecesse, pelo menos, uma das duas etapas da educação básica: ensino fundamental ou médio.

Foram participantes da pesquisa dois professores de Educação Física, que eram formados na área e estavam em atuação efetiva em sala de aula, com turmas dos ensinos fundamental e médio. Os dois professores foram solícitos em participar da pesquisa. Dessa maneira, foi iniciada a observação assistemática das aulas, bem como foram acessados os planejamentos dos ciclos de ensino de 2018 e foram aplicadas as entrevistas semiestruturadas. Para o anonimato dos professores, eles foram denominados como P1 e P2, o “P” significa professor(a) e o número do “1 e 2” foi dado pela ordem da entrevista.

O estudo de caso permite ao pesquisador utilizar diferentes instrumentos de coleta de dados para colher conhecimentos relacionados ao objeto da pesquisa,

proporcionando diferentes formas de olhar e conhecer o elemento investigado. Entendendo que, para analisar a concepção de formação humana presente na escola e nas aulas de Educação Física, é preciso utilizar diferentes instrumentos de coletas de dados, como salientado no tópico anterior, foram realizadas: entrevistas semiestruturadas, análise do PPP e dos planos de ensino e observação assistemática das aulas.

Sobre o protocolo de análise, nesta pesquisa, foi aplicado o método hermenêutico-dialético, que, segundo Minayo (2009), tem como ponto de partida a fala dos atores sociais, situando-as em seu contexto para, assim, melhor compreendê-los. Logo, a fala é caracterizada como ponto inicial do método, tendo como ponto de chegada o contexto de onde essa fala surge.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que o processo de formação humana passou por estágios de desenvolvimento. Dividindo esses estágios em duas grandes categorias, a primeira seria do humano restrito às leis biológicas, e a segunda, das relações dos humanos em sociedade.

Destarte, o primeiro estágio restringiu-se às leis biológicas que, em suma, eram as cargas genéticas e não tinham uma aprimoração das relações sociais; essas relações e o modo de vida não eram desenvolvidas. Dessa forma, a comunicação e os objetos que utilizavam eram extremamente primitivos e rudimentares.

Já no segundo estágio, o homem passa de uma vida determinada biologicamente para uma vida em sociedade, organizada e baseada no trabalho. Nesse estágio, ocorre o início da fabricação de instrumentos mais elaborados e formais, ainda iniciais, da relação do trabalho e sociedade. Vale ressaltar que a comunicação pela linguagem se desenvolve em influência da necessidade de trabalho desse estágio (Duarte, 2004; Leontiev, 1978). Entende-se aqui como trabalho, a intervenção consciente e objetiva dos humanos na natureza para suprir as suas necessidades (Duarte, 2004).

Por conseguinte, os humanos se libertam das leis biológicas, que eram transmitidas por hereditariedade, tornando as leis sócio-históricas protagonistas no

processo de formação desses sujeitos. Contudo, as leis biológicas têm relevância na formação do homem inicialmente, mas se tornam limitantes no que tange à vida do homem em uma sociedade organizada. Dessa forma, as leis sócio-históricas possibilitam o desenvolvimento da vida em sociedade, sem precisar retroceder às formas rudimentares (Duarte, 2004; Leontiev, 1978).

A continuidade do processo histórico permitiu que as aquisições feitas fossem transmitidas às novas gerações. Isso só é possível porque o humano se difere dos animais pelo fato de transmitir as aquisições, de ser capaz de desenvolver atividades criadoras e produtivas, pela atividade humana fundamental: o trabalho. Por essa atividade, os humanos não se adaptam à natureza, mas sim, modificam-na diante da necessidade de sobrevivência (Duarte, 2004; Leontiev, 1978).

Compreender a evolução humana e social da humanidade é compreender que o homem não nasce homem, ele precisa ter acesso às aquisições das gerações precedentes. Esse acesso pode se dar pelo contato com outros indivíduos que transmitiram a ele os signos e significados do mundo ao seu redor. Assim, o processo de humanização baseado nas leis sócio-históricas proporcionou transformações na natureza decorrentes da atividade humana pelo trabalho e, em saldo disto, forma-se uma cultura humana (Duarte, 2004; Leontiev, 1978).

Para que ocorra a apropriação das culturas humanas que foram construídas historicamente, é necessário concretizar as relações com outros humanos por meio da comunicação. Assim, as crianças/humanos aprendem as atividades adequadas da sociedade – este processo descrito é a educação, que é primordial e fundamental na vida da humanidade para que os sujeitos, inicialmente quando crianças, comecem a imitar, para posteriormente, serem autônomos em seus atos. Essa transmissão para uma assimilação é necessária para dar continuidade ao processo histórico (Duarte, 2004; Leontiev, 1978).

O ensino é um elemento imprescindível no desenvolvimento do psiquismo humano, pois, é nele que é decidida a zona de desenvolvimento do estudante, as atividades que devem ser organizadas com a finalidade de conduzi-lo à apropriação do conhecimento científico. E o professor será o mediador entre o aluno e o conhecimento, atuando na zona de desenvolvimento para alcançar os objetivos traçados (Facci, 2004).

A partir da compreensão dos estágios de desenvolvimento e da importância da educação nesse processo, percebe-se que as crianças estão inseridas em diferentes

contextos sociais durante seus percursos de desenvolvimento, e um desses é a escola. Nessa instituição, a criança estabelece relações sociais e se apropria de conhecimentos sistematizados, sendo que todos os componentes obrigatórios presentes na escola contribuem para a formação humana dos alunos.

A Educação Física Escolar pode sofrer com diferentes influências sociais, que poderão se transpor na prática pedagógica dos professores e na sua contribuição para o processo do desenvolvimento psíquico dos alunos.

A Educação Física se desenvolveu ao longo da história atendendo as necessidades do momento histórico em que estava situada: ela passou por momentos em que o objetivo era a formação de corpos saudáveis para o trabalho nas indústrias; em outro período, buscava a formação de humanos aptos e fortes para comporem uma nação, com grande influência nos métodos ginásticos; posteriormente a isso, os esportes ganharam força e a busca pela inserção desse conteúdo nas escolas criou uma relação professor/instrutor e aluno/atleta na busca da eficiência e eficácia dos gestos esportivos; e, por fim, surgiu a necessidade de unir corpo e mente, e debater como os elementos da cultura corporal se relacionam com a sociedade (Castellani Filho *et al.*, 2009).

No atual cenário da Educação Física Escolar, Figueiredo (2008) explicita que ocorrem diferentes formas de subjetivar as aulas; com isso, a cultura escolar irá influenciar diretamente as aulas. Logo, deve-se analisar a Educação Física não só pela posição tomada pelo professor, sendo uma ótica de isolamento profissional, mas sim pelo contexto vivido pela comunidade escolar.

Ainda segundo Figueiredo (2008), muitas vezes, na comunidade escolar, há uma hierarquização dos componentes curriculares escolares; com isso, ocorre um reconhecimento e uma prioridade pelos componentes Matemática e Português, sendo os mais importantes. Por consequência, desconhece-se a importância de outros componentes curriculares, dentre eles, a Educação Física. Portanto, a negligência com essa área de conhecimento pode se dar por fatores internos, que são inerentes à prática pedagógica, ou externas, que estão ligados à comunidade escolar.

A falta de intervenção intencional dos professores resume as suas atividades em administrar os materiais didáticos das aulas. Com isso, indica-se o desinvestimento na carreira profissional ou pode ser um modo subjetivo de atribuição de significados nas aulas de Educação Física. Destarte, o desinvestimento é quando o trabalho para o professor perde a centralidade, dessa forma, ele abandona o

compromisso e a qualidade do trabalho docente. O desinvestimento na Educação Física, muitas vezes, é percebido quando o professor tem a ação de rolar a bola ou seja, dar o material didático (a bola) e os alunos se organizam na atividade. Nesse momento, a aula tem a finalidade de ocupar o tempo dos alunos (Machado, 2010).

4 DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quando questionamos aos professores sobre qual a função social da escola, eles explicitaram que:

Na verdade, assim, eu cheguei na escola há pouco tempo, mas eu acredito que a escola tem um papel muito importante na questão da transformação social dos alunos. Assim, eu li o PPP antes de planejar a minha aula, e pelo menos o que está escrito, a proposta é essa, né? Mas aí, assim, ao longo do tempo, a gente vai constatando se realmente acontece na prática tudo que está escrito no PPP ou não. Mas, até agora, o que eu tenho observado que a proposta realmente é essa aí (P1).

Bem, a escola, a meu ver, tem uma função social assim muito grande, sabe? Eu, particularmente, trabalho aqui na escola com a Educação Física e tenho um projeto de corrida de orientação, e trabalho também com o projeto africanidade, e a gente sempre tenta envolver a comunidade nisso: os pais, a comunidade circunvizinha. Aqui, quando a gente faz algum evento, a gente tenta sempre envolver a comunidade, porque é a comunidade que justamente influencia o andamento da escola (P2).

Ficou evidenciado que os professores destoam entre si no que tange à concepção de escola: P1 traz em sua fala que a escola tem um papel importante de transformação social dos alunos, e que ele buscou o PPP da escola para planejar as aulas e a sua atuação pedagógica. Já P2 explicitou um conhecimento incipiente, não trazendo com clareza a função da escola, mesmo trazendo alguns elementos importantes da sua atuação docente. Logo, mesmo tendo o PPP para direcionar o trabalho pedagógico, ocorrem visões e atuações diferentes na escola, sendo possível identificar que P1 conseguiu sistematizar um conceito de escola, enquanto P2 não deixou claro este conceito.

Este estudo tem acordo com Martins (2013), quando ele diz que a escola é uma instituição social relativamente nova, que foi se consolidando e popularizando a partir

do processo da complexidade da vida social gerada pelas mudanças sociais. Logo, ao analisar a formação humana, a escola é um espaço fundamental de apropriação e transmissão do conhecimento sistematizado. Desta maneira, Saviani (2012) cita que a escola tem as suas funções já estabelecidas socialmente, em relação à formação das novas gerações, e ela deve dar condições objetivas para os sujeitos intervirem e/ou interagirem com a vida em sociedade, sempre tendo no horizonte a superação da lógica capitalista de produção e reprodução da vida.

Então, os professores têm de ter clareza da função social da escola, pois ela faz parte da sua intervenção na sala de aula. Além disso, se os docentes buscam uma formação emancipadora em suas aulas, eles devem se utilizar dessa concepção como subsídio. O não conhecimento dessa categoria pode gerar um trabalho alienado, no qual os professores não têm uma intencionalidade pedagógica na atividade que estão realizando em sala de aula e os alunos podem não identificar a relevância social (em suas vidas) dessas atividades.

No que toca à função social da escola presente no PPP (Feira de Santana, 2018, p. 05) da instituição:

A escola é um local que proporciona a socialização do aluno; é um ambiente que torna possível a criticidade, desenvolve novas visões de mundo, esclarece sobre direitos e deveres, favorece a participação ativa e consciente do indivíduo em sociedade e estimula a vivência da cidadania plena; a escola contribui para o enfrentamento dos desafios e das exigências do mercado de trabalho através da inserção dos alunos nos cursos do SENAI; favorece e complementa a formação integral da pessoa.

A instituição escolar, a partir de seu projeto pedagógico, busca formar sujeitos autônomos e conscientes para a intervenção na sociedade. Mas, vale ressaltar, o incentivo da inserção dos alunos no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), buscando a entrada desses jovens no mundo do trabalho.

Traçando um paralelo da formação humana dos indivíduos, tendo acesso aos conhecimentos que foram produzidos historicamente pela humanidade, a escola pesquisada traz dois elementos que são importantes de se confrontar: o primeiro é a formação emancipatória dos alunos a partir da intervenção pedagógica dos professores; e o segundo é a inserção deles no mercado de trabalho.

Nesse sentido, a Educação Física, no contexto da escola, deve ser encarada como um componente curricular obrigatório, nas três etapas da educação básica, como traz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996). Além de

ser legítima, ela deve ter uma intencionalidade pedagógica clara e alicerçada na ciência, a partir dos próprios conteúdos, que são os elementos da cultura corporal.

Ao serem questionados em relação ao conceito que eles trazem sobre a Educação Física escolar, responderam:

Para mim, assim, muita gente fala que a educação física, os nossos colegas de outras áreas, que a Educação Física é para você colocar os alunos para exercitar, e a Educação Física pode servir de suporte para a matemática, para outras disciplinas. Mas eu acho que a gente tem conteúdo próprio que deve ser trabalhado em sala de aula, né? Tem a questão social, que a gente pode fazer a transformação social utilizando os elementos e os conteúdos da Educação Física. E eu acho também que a gente não deve fugir das questões de saúde que a gente vê que hoje em dia. A gente passa por muitos problemas de saúde, questão de doenças que são relacionadas com a falta de atividades físicas, e para mim deve ser incluído também como conteúdo da disciplina de Educação Física, a gente não pode fugir desse tema, né? Então, para mim, Educação Física é basicamente isso daí (P1).

Eu acho que a Educação Física é uma disciplina que vai ajudar na formação do indivíduo como um todo, não só na parte corporal, mas também na parte intelectual dele, porque a gente está lidando ali com adolescentes em formação ainda. E aí, no meu caso, sempre tento trazer coisas que vão agregar valores a eles: a questão do respeito, a questão da mulher... E a Educação Física está aí para isso, não só para essa parte esportiva. A parte prática do corpo, que é importante, mas também pode acrescentar nessa questão pessoal deles que a gente sabe que tem (P2).

Dessa forma, pode-se inferir que os professores trazem conceitos sobre o componente curricular, e é consenso que a Educação Física tem um papel importante na instituição escolar, podendo contribuir na formação humana/social dos alunos. O P1 explicita que a Educação Física, mesmo com algumas interpretações errôneas sobre a área, possui conteúdos próprios, e que é necessário que sejam voltados para a transformação social dos alunos. Esse professor também ressalta que, nas aulas, devem-se trabalhar as questões da saúde, mas é preciso ponderar este posicionamento, porque a falta de atividade física atualmente é decorrente da dinâmica social.

A Educação Física escolar tem o seu conteúdo próprio, que é decorrente da cultura corporal: a luta, a dança, o esporte, o jogo, a ginástica e a capoeira (Castellani Filho *et al.*, 2009). Assim, o debate sobre a saúde nas aulas de Educação Física deve ser encarado como um tema transversal. A Educação Física escolar não pode lidar com atividades limitadas sobre as questões da saúde (causa e efeito), mas sim, durante os conteúdos da cultura corporal (transversalmente), a saúde pode ser debatida criticamente (Darido, 2005; Resende; Soares, 1996).

Consultando o PPP para constatar a concepção de Educação Física, não foi possível identificar, pois, no presente documento, não havia nenhuma orientação. O único ponto que toca sobre este componente curricular é na divisão da sua matriz curricular para o ensino fundamental e médio do ensino diurno. Em suma, o PPP toca no que tange aos aspectos gerais da escola, mas não nas singularidades dessa área de conhecimento. Vale ressaltar, isso não foi um problema só da Educação Física, mas de todas as áreas.

Ainda sobre o aspecto da Educação Física Escolar, os professores foram questionados sobre qual a percepção deles perante a visão da escola/coordenação pedagógica/demais professores com a Educação Física:

Pelo menos aqui na escola tem bastante apoio, inclusive tem um projeto interdisciplinar que foi proposto pelos professores de Educação Física, que é a corrida de orientação. Então, todos os professores de diversas áreas e diversas disciplinas abraçam este projeto interdisciplinar. Então, a partir daí, a gente pode constatar que a escola ela vê a Educação Física como uma matéria, disciplina, é um componente curricular importante, não é só aquela coisa de você dar suporte às outras matérias, entendeu? Aqui, a gente vê realmente essa importância que é dada à nossa disciplina, à nossa área (P1).

Quando eu comecei, eu sempre senti o apoio da escola: a diretora sempre apoiou a Educação Física. Nunca foi assim de deixar de lado. Quando a gente necessita de alguma coisa, curso, alguma coisa desse tipo, a gente vai e conversa com ela, e ela sempre apoia a gente nessa parte. A coordenação pedagógica também sempre apoia a gente em tudo; pelo menos aqui na escola eu não tenho problema quanto a isso. E os professores também apoiam a disciplina, um ou outro, assim, é que a gente não pode dizer que é cem por cento; um ou outro que tem aquela questão de achar que não tem importância, não dá a importância devida à Educação Física, mas a maioria abraça a Educação Física e, inclusive, briga junto com a gente. Porque muitos alunos acham que a Educação Física é um disciplina só para complementar o currículo, que não serve para nada, mas eles brigam com a gente para fazer valer a Educação Física como disciplina que vale ponto, que reprova como todas as outras (P2).

É necessário compreender a ação do professor no espaço e tempo da escola, e a relação da comunidade escolar com a área de conhecimento, a direção da escola, coordenação pedagógica, demais professores com a Educação Física, pois isso pode influenciar a atuação pedagógica do professor. Foi consenso dos professores sobre o apoio que é proporcionado pela escola.

Com isso, a valorização do professor é de suma importância. Quando isso não ocorre, acontece a culpabilização do sujeito (professor), e ele sofre com a não efetivação do ensino. Por isso, em muitos momentos, o professor é impactado com o processo de desinvestimento, que é quando os mesmos permanecem em seus postos

de trabalho, mas abandonam o compromisso com a qualidade do trabalho docente. Esses sujeitos sofrem influências diretas da precarização do trabalho docente: a baixa remuneração, a alta carga horária de trabalho, a falta de material pedagógico, entre outras coisas (Machado, 2010). Então, a escola deve ser parceira nas ações pedagógicas dos professores para uma melhor elaboração do seu trabalho.

Os professores foram questionados sobre como eles elencam os conteúdos para as suas aulas e quais conteúdos da Educação Física são mais trabalhados. Na entrevista, P1 não tocou nos conteúdos da Educação Física que são trabalhados em suas aulas, mas foi possível constatar, a partir do seu planejamento e da observação das suas aulas, que ocorreu a predominância do conteúdo esporte, especificamente: handebol, futsal e voleibol.

Já P2 cita que, em suas aulas, é trabalhada uma modalidade esportiva específica, a corrida de orientação. Em seu planejamento, é traçado como conteúdo da Educação Física: corrida de orientação, Índice de Massa Corporal (IMC), verificação e controle da Frequência Cardíaca (FC), fisiologia do exercício, nutrição e práticas esportivas, sendo que este último elemento dá abertura para abordar qualquer modalidade esportiva partindo do querer do professor.

O P2 ainda salienta que cada professor de Educação Física da instituição trabalha com um conteúdo do esporte que tenha mais afinidade. Essas escolhas podem estar relacionadas com a aproximação sócio corporal que eles tiveram antes e durante a sua formação. Nesse sentido, para os alunos, essas experiências podem ser perversas, pois eles não terão possibilidades de acesso a outros elementos da cultura corporal, podendo em muitos casos a Educação Física ser objetivada apenas como esporte (Krug; Krug, 2010; Figueiredo, 2010).

Assim, os conteúdos desse componente curricular, nas organizações pedagógicas dos dois professores, convergem para a utilização unilateral do esporte; e, no caso de P2, os elementos da saúde e do treinamento físico ficam mais evidentes. Como já foi explicitado nesta produção, os elementos da saúde são muito presentes nas aulas de Educação Física, tomando o lugar dos conteúdos da cultura corporal.

Já no que se refere à relação estabelecida entre ano de ensino, idade dos alunos e conteúdo da Educação Física, os professores apresentaram que:

Bom, na verdade, isso foi discutido no início do ano pelos professores que aqui estavam; eu tive que seguir, na verdade. Mas, quando eu trabalhava em outra escola, os meninos mais novos do fundamental, eu trabalhava a

questão de esporte: eu trabalhava primeiro nos anos iniciais a questão do atletismo, que é o primórdio de todos os esportes, de todos os movimentos. E com relação à questão de saúde, eu trabalhava noções básicas de higiene e essas coisas mais básicas. E aí, ao longo dos anos, a gente ia introduzindo outros elementos. Na questão dos esportes, por exemplo: primeiro ano trabalhava o futebol, o handebol; já o basquete e o voleibol, que é um pouco mais complicado de você trabalhar, de você fazer com que eles desenvolvam o jogo, a gente deixava trabalhar mais no segundo ano e no terceiro ano. Então, a gente ia sempre aumentando o nível de dificuldade com a questão da série e, como a gente constatou que os alunos do segundo ano, do terceiro ano, a maioria já praticava alguma atividade física fora da escola como musculação ou outras atividades, a gente sempre abordava também essas questões de saúde, questão de esteroides anabolizantes, os malefícios e os benefícios da musculação, da atividade física e do exercício físico fora da escola, entre outras questões de saúde (P1).

Não, aqui eu não separo por idade, porque a gente sabe que no ensino público, do mesmo jeito que eu posso ter no nono ano menino de treze anos, pode ter menino de dezoito anos. Aí, assim, a gente tenta fazer atividades que envolvam todo mundo, sem distinguir muito essa questão da idade (P2).

Castellani Filho *et al.* (2009) fazem alusão a esse processo que se deve ter uma adequação do conteúdo com as possibilidades sociocognitivas do aluno. Além de ter um momento de seleção dos conteúdos, o professor deve ter competência para adequar o conteúdo à capacidade cognitiva e à prática social dos alunos.

O P1 começou a lecionar nessa escola no início do ano de 2018, pois a escola em que ele trabalhava fechou; com isso, ele entrou nessa atual escola depois que já havia ocorrido a Jornada Pedagógica. Ele traz que o planejamento das suas aulas (na escola anterior) ocorria de forma que os alunos, no decorrer dos anos de ensino, fossem tendo acesso a diferentes tipos de esportes; dessa maneira, essas disposições demandavam habilidades diferentes. Além do trato exclusivo do esporte em suas aulas, a complexificação das atividades cognitivas dos alunos estavam restritas às mudanças, unicamente, da lógica de cada esporte. Já o P2 não apresentou clareza diante da pergunta, pois explicitou que não separa as suas ações por idade, mas faz adequações para envolver todos em suas atividades.

A Educação Física escolar deve visar um trato pedagógico por parte dos professores com os elementos da cultura corporal. Com isso, este componente curricular, na escola, deve ter objetivos claros, uma intencionalidade pedagógica e uma relação intrínseca com o contexto social em que está inserido. Desse modo, tendo um compromisso social com a formação humana dos alunos. Quando questionados sobre como a Educação Física pode contribuir para a formação dos alunos e para a atuação deles na sociedade, os mesmos responderam:

Bom, eu acredito que o trabalho que é desenvolvido aqui na escola com a Educação Física, a gente trabalha, principalmente eu, os esportes não como um fim, mas como um meio para que a gente possa trabalhar valores nos nossos alunos, como respeito, a cooperação, a questão da diversidade... Então, tudo isso a gente costuma trabalhar aqui na escola com relação à Educação Física (P1).

Eu acho que a Educação Física contribui muito na questão da formação corporal do indivíduo como um todo. A questão também que você trabalha muito de respeito ao próximo, da interdisciplinaridade. Com Educação Física, a gente trabalha muito aqui, e acho que fora da escola eles levam essa parte do respeito mesmo ao próximo, das diferenças, que a gente sabe que existe, e eles levam isso para a vida deles (P2).

O P1 explicita que, em suas aulas, a partir do conteúdo esporte, pode contribuir com: valores, respeito, cooperação e com as questões de diversidade. Apesar do P1 apresentar que o conteúdo trabalhado tem uma intencionalidade social, ficou evidenciado na organização de algumas aulas observadas que: nas vivências dos esportes, o professor corrigiu apenas erros técnicos, limitando-se a organizar (arbitrar) a partida, não ocorreram problematizações (momentos de debate) com o conteúdo, além das vivências. Em algumas aulas, realizaram-se divisões sexistas diante das vivências (materialização das atividades), assim sendo, primeiro, os estudantes do gênero masculino praticavam o futsal; depois, as estudantes do gênero feminino, não ocorrendo interação entre gêneros nas atividades.

Então, como é possível formar sujeitos críticos a partir das aulas de Educação Física, se em sua organização não tem espaço para debates e análises por parte dos alunos? A contradição está posta, pois o professor tem em sua concepção alguns elementos que são trabalhados em suas aulas, mas, na atuação pedagógica, os alunos não interferem no processo de ensino/aprendizagem. E como os alunos irão compreender as contradições sociais a partir do gênero, uma vez que são divididos momentos distintos para cada gênero?

Dessa maneira, o docente deve proporcionar espaços de análises e vivências coletivas sobre os conteúdos que estão sendo trabalhados, para assim pensar como a organização social está interferindo nesse processo de esportivização na escola, objetivando uma mudança desta lógica. Os alunos devem ter um papel ativo no processo de ensino e aprendizagem, pois, segundo Paulo Freire (1996), o professor ao ensinar aprende com o aluno, e o aluno ensina ao aprender. Com isso, a troca de

saberes é uma via de mão dupla e é necessário que os envolvidos nesse processo participem ativamente dessa organização.

Outros problemas constatados envolveram a prática docente em relação ao que estava planejado: tiveram momentos que ele planejou uma atividade em quadra, mas não pôde realizá-la, pois, como a quadra era descoberta, choveu, inviabilizando a utilização desse espaço pedagógico; e outro problema foi por conta da disputa de espaço, porque, em alguns momentos, já tinha outro professor utilizando a quadra. Logo, as condições objetivas da escola (infraestrutura) influenciam diretamente as aulas dos professores de Educação Física e, por consequência, a formação dos alunos. Então, a infraestrutura da escola força os professores a terem que modificar/adaptar o seu planejamento. Essa ação pode ser prejudicial na compreensão dos alunos sobre os conteúdos da Educação Física, podendo assim ocorrer negação de algumas vivências da cultura corporal por falta de espaço adequado.

Já o P2 direciona a sua fala, afirmando que a Educação Física pode contribuir para a questão do respeito ao próximo e da interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento. Assim, o professor não apresenta um conteúdo específico da cultura corporal que trabalhe essas competências; há uma necessidade de apresentar em qual/quais conteúdo(s) da Educação Física pode trabalhar essas competências. Vale ressaltar que a interdisciplinaridade, segundo Freitas (1995), é interpenetração do método e conteúdo entre as disciplinas que se dispõem a trabalhar conjuntamente sobre um determinado objeto de estudo. Com isso, a Educação Física pode trabalhar em conjunto com outros componentes curriculares da escola. Mas, durante o acompanhamento das aulas, não ocorreram trabalhos interdisciplinares.

Além das problemáticas supracitadas, nas aulas ocorreu uma divisão dos elementos da cultura corporal a partir do gênero: o futsal foi direcionado aos estudantes do gênero masculino; já para as estudantes do gênero feminino, foi direcionado o baleado. Com isso, essa divisão da organização pedagógica foi proposta pelo professor e, em outros momentos, os alunos propuseram essa divisão.

Segundo Facci (2004), a aprendizagem antecede o desenvolvimento; por isso, as práticas desenvolvidas pelos professores devem levar em consideração a zona de desenvolvimento em que os alunos se encontram, para assim compreender como o trabalho pedagógico deve ser organizado e como esse irá impactar o desenvolvimento dos alunos. A partir disso, as práticas dos professores refletem diretamente na

formação dos alunos, tanto no que tange aos conteúdos como na formação dos indivíduos.

Com isso, foi constatado que, na organização pedagógica do P2, ocorrem algumas problemáticas, como: a falta de relação entre as aulas, não ocorrendo a progressão pedagógica dos conteúdos; ausência de problematização, ou seja, a ausência de instrumentos que possibilitem os alunos a pensarem sobre elementos que perpassam os conteúdos, sendo que esses momentos devem ser mediados pelo professor, já que o mesmo coloca em seu planejamento que a partir das aulas os alunos devem refletir, reconhecer e elaborar novos conceitos sobre os elementos que perpassam a Educação Física.

Além desses elementos, houve a carência de intervenção do professor nas vivências dos conteúdos em quadra. O mesmo, em muitas aulas, só observou a realização dos esportes, sendo que os alunos se organizaram por conta própria e vivenciaram a partir dos seus interesses pessoais, fortalecendo a divisão sexista dos conteúdos (meninos com o futsal e as meninas com o baleado ou cinco cortes).

A falta de progressão dos conteúdos não possibilita uma melhor apropriação; a ausência de problematização gera a falta um olhar crítico sobre os conteúdos; e a carência de intervenção do professor contribui para o não reconhecimento da Educação Física como um componente curricular necessário para a formação humana. E sendo assim, esse componente curricular não visaria a uma emancipação da classe trabalhadora e seria apenas um dos elementos de reprodução da lógica da sociedade de classes.

Ao serem questionados sobre qual concepção pedagógica da Educação Física utilizam para embasar as suas aulas, os professores relataram:

Na verdade, eu sigo muito a questão do PCN, como eu falei que o Estado deixa você meio que preso, ligado a essas questões. Mas, assim, eu já dei aula de esportes na escola, e como o objetivo dessas aulas que a direção me pediu que era para montar um time de esporte para competir, aí eu trabalhei mais na abordagem desenvolvimentista. Mas, assim, em sala de aula, eu procuro seguir a questão dos PCN (P1).

Eu procuro seguir a sócio-interacionista, que é a interação do professor com o aluno, eu acho que é bem mais ampla nessa vertente (P2).

Para a atuação pedagógica do professor de Educação Física, faz-se necessário conhecer e se apropriar do conhecimento das teorias que direcionam as aulas. Dessa forma, a educação em seu processo histórico teve algumas tendências

que direcionaram as aulas, e a partir de vários debates sobre a Educação Física Escolar, principalmente, na década de 1980, surgiram propostas pedagógicas idealizadas por alguns pensadores da época que tinham como objetivo romper a atuação mecanicista dos docentes (Darido, 2003).

Com isso, o professor precisa ter clareza de qual abordagem quer seguir, pois cada uma dessas abordagens tem em sua organização as suas especificidades e os seus objetivos para a ação pedagógica. Durante o período de observação do P1, no que tange à Abordagem Desenvolvimentista, não foi possível vislumbrar nenhum elemento dela na organização pedagógica; já sobre a Abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), foi possível identificar a presença de temas transversais, e inserção dos alunos à Cultura Corporal de Movimento a partir de um único conteúdo, o esporte. Já nas aulas observadas do P2, não foi possível identificar a materialização dos pressupostos da abordagem socio-interacionista.

Enquanto é ressaltada a necessidade de um embasamento para a construção dos planos de aula do professor, também deve ser analisado como o aluno está no processo de ensino e aprendizagem. Nesse caso, os professores foram questionados sobre como a realidade dos alunos estava presente nas aulas de Educação Física:

Bom, na verdade, no início do ano, a gente faz uma avaliação diagnóstica para tentar identificar qual é o contexto em que o aluno se insere na sua comunidade. Aqui eu acho que é uma questão mais homogênea, não tem muita coisa, assim, não tem muita variante. Agora, na escola que eu trabalhava anterior, que os alunos vieram para cá, a gente encontrava muita variante, por exemplo: alunos que eram inseridos em meios, como a questão da prostituição infantil, questão de drogas, violência. E aí a gente tentava trazer para a sala de aula, principalmente na questão dos esportes, que no momento que eles praticam essas atividades aqui dentro da escola, que eles podem levar para praticar fora da escola, que nesse momento ele pode estar se afastando um pouco da realidade que ele vive no meio familiar, no meio que convive na região, na sociedade. E aí a gente sempre conversa, tentava conversar para que eles procurem mais viver de forma mais saudável, se afastando desses riscos sociais e tentando encontrar um objetivo de vida (P1).

A gente sabe que, acho que em todas as escolas têm aquela questão do futebol, a maioria dos meninos preferem, mas a gente tenta contornar isso fazendo outras atividades, não só o futebol, e eles aceitam. Às vezes, quando tem muito questionamento: “Ah, pró, deixa a gente jogar um pouquinho?” Aí a gente divide a aula, eu passo uma atividade e eles participam, e depois eu dou um tempinho e eles jogam o futebol deles (P2).

A realidade dos alunos deve estar presente na sala de aula, pois, como traz Saviani (2012), devem ser valorizados os conhecimentos que os alunos trazem da

sua prática social, pois eles já possuem conhecimentos dados pela realidade vivida. Logo, no trato pedagógico com o conteúdo científico, o professor deve trabalhar e valorizar o conhecimento popular como base, para que os alunos alcancem a apropriação da ciência, mas sem desprezar o que eles já conhecem.

Para P1, na escola não tem muita variante em relação à realidade dos alunos. Isso foi constatado a partir de um diagnóstico aplicado nas turmas (não apresentado ao pesquisador), mas que na escola anterior em que ele trabalhava, existia uma grande discrepância entre o contexto social dos alunos. Dessa forma, a Educação Física pode contribuir para o afastamento do aluno da realidade em que ele vive e que ele tentava (na antiga escola) orientar os alunos para que eles levassem uma vida mais saudável.

Já P2 fala sobre a maior influência do contexto social dos alunos referente à seleção do conteúdo da Educação Física, pois ele afirma que os alunos só querem jogar futebol, e o professor se vê tendo que negociar o tempo pedagógico para que os alunos participem da aula que foi planejada, em troca de um tempo para o futebol. O professor não trouxe outras influências que podem existir, mas ele traz a questão do futebol como uma determinação nas suas aulas.

Ao analisar a predominância do futebol na Educação Física Escolar, em muitos momentos, a Educação Física foi sinônimo de esporte, especialmente do futebol. Isso pode decorrer do processo histórico que a área sofreu a partir da esportivização e por uma cultura dominante desse esporte gerada pela sociedade de consumo. Um exemplo negativo da utilização desse esporte (competição) quando utilizado nas aulas é que ele pode excluir os alunos ditos menos habilidosos (Figueiredo, 2008).

Outro elemento importante na fala do P2 é sobre o tempo pedagógico necessário para a aprendizagem: ele salienta que precisa negociar com os alunos para que possa aplicar o seu plano de aula. Segundo Castellani Filho *et al.* (2009), o tempo pedagógico necessário para a aprendizagem é o tempo determinado para que as aprendizagens se efetivem, ou é a destinação de um número de aulas para tratar a problematização do conhecimento. Esse elemento deve ser adequado ao ritmo de aprendizagem da turma. Logo, se o professor em toda aula tiver de ceder um “tempinho” para que os alunos façam o esporte ou outro elemento da cultura corporal que queira, o docente irá renunciar à organização pedagógica que foi previamente pensada visando à progressão da aprendizagem dos alunos. Assim, os estudantes podem se perder nesse processo, porque, ao liberar um tempo de aula, eles podem

não compreender a lógica desse processo de aprendizagem e progressão dos conteúdos.

Na sequência, os professores foram questionados sobre como os alunos aprendem. Eles expuseram que:

Bom, na verdade, o aluno já traz o conhecimento próprio, né? E aí a gente tenta trazer elementos novos para que ele, a partir do conhecimento que ele tenha, ele possa adquirir novos conhecimentos e sempre partindo dele. É como eu já falei: o professor não deve trazer algo pronto e colocar na cabeça do aluno, a gente tem que dar subsídio para que ele aprenda da maneira dele (P1).

Ele aprende vivenciando, acho que ele aprende não só ouvindo, mas ele aprende vivenciando, ele aprende jogando, ele aprende brincando, ele aprende de diversas formas. São diversas maneiras que podemos utilizar para ele aprender, e a Educação Física tem esse instrumento nas mãos que pode fazer essa prática. Então, eu acredito que a aprendizagem do aluno é mais concreta quando ele vê na sala de aula ali você falando, e quando ele vai para a quadra ou para outro local e vivencia aquilo que você explicou para ele, então eu acredito que seja um aprendizado mais amplo e mais concreto (P2).

O processo de aprendizagem de cada indivíduo deve ser encarado de maneira singular, pois existem várias determinações individuais, como: sociais, emocionais e cognitivas que contribuem para a apropriação do indivíduo a partir da cultura. Desse modo, na Educação Física, este processo não é diferente, pois existem influências tanto na organização pedagógica do professor, quanto dos elementos sociais que determinam a aprendizagem dos alunos. Então, no processo de ensino e aprendizagem que ocorre nas aulas de Educação Física existem apropriações e objetivações diferentes a partir dos sujeitos envolvidos, sejam eles professores ou alunos.

Ficou evidenciado, pelo conteúdo das falas dos professores, que as concepções sobre o processo de aprendizagem dos alunos são dadas de forma diferente. O P1 explicita que os alunos trazem conhecimentos a partir das suas práticas sociais, e que, nesse processo, ele possibilita novos elementos para a construção de novos conhecimentos. Já para o P2, o aluno aprende vivenciando de diversas formas; logo, a relação com o conhecimento é estabelecida a partir da materialização do conteúdo trabalhado nas aulas.

Taffarel (2010) salienta que o processo de ensino e aprendizagem se dá pela objetivação e apropriação. Assim, a formação humana, que se dá mediante a atividade social dos alunos em relação ao meio, transforma-o, modifica a realidade

objetiva. Logo, a concepção objetiva de homem, o processo educativo, em última instância, visa à formação humana. Em síntese, os alunos precisam ter um posicionamento ativo nesse processo; e para que isso ocorra, os conhecimentos prévios devem ser valorizados e problematizados em relação ao conhecimento científico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas aulas de Educação Física Escolar, a concepção de formação humana que está sendo pautada é voltada para formar cidadãos críticos, ativos e que se apropriem dos valores socialmente estabelecidos. Pode-se inferir que, na prática pedagógica dos professores de Educação Física, eles não conseguem materializar as suas concepções de formação humana. A partir da análise e discussão dos dados apresentados neste trabalho, foi constatado que a concepção de formação humana que está presente nas aulas de Educação Física Escolar reforça a lógica da sociedade de classes. Isso pode ser identificado por alguns elementos: divisão sexista diante dos conteúdos, falta de problematização e não intencionalidade com a formação humana.

Dessa forma, os alunos não se apropriam dos variados conhecimentos que tangem à Educação Física Escolar, não agregando alguns saberes na transformação da sua prática social. A cultura corporal presente na escola possibilita aos alunos se apropriarem dos conhecimentos, compreendendo a realidade e tendo como horizonte a transformação das relações de exploração da sociedade de classes. Foi possível identificar que, nas aulas de Educação Física, há um predomínio do conteúdo esporte em sobreposição aos outros elementos da cultura corporal (jogo, dança, ginástica, lutas e capoeira), dessa forma, proporcionando uma formação unilateral aos alunos, negando o acesso a outros conhecimentos que foram produzidos historicamente pela sociedade.

A escola e a comunidade escolar apoiam a Educação Física na instituição; contudo, elas defendem a concepção da Educação Física voltada somente para os conteúdos esportivos. Esse não é um problema só do professor, uma vez que a gestão escolar defende essa concepção e ainda espera que os professores de Educação

Física cumpram essa função de predomínio do esporte. Vale ressaltar que não foi possível identificar no PPP o que a Educação Física deve ter como objetivo e os conhecimentos que devem ser ensinados, pois esse documento não versa nada sobre a Educação Física, abrindo possibilidade para que cada professor possa trabalhar somente o conteúdo com que tenha mais proximidade. Além disso, a escola conta com diversos professores de Educação Física, porém, não existe uma sistematização coletiva da Educação Física nessa instituição por parte dos professores.

A análise individual dos planejamentos dos professores possibilitou constatar que os temas transversais estão ocupando espaços dos conteúdos primordiais da Educação Física. E a predominância do conteúdo esporte tem negado os demais elementos da cultura corporal.

Pode-se identificar que os professores apresentam conhecimentos incipientes sobre as abordagens ou teorias do conhecimento; com isso, muitas vezes, a organização do trabalho pedagógico deles era difusa e, em alguns momentos, não havia relação entre o que era ensinado em sala e em quadra. Decorrente disso, os professores se tornavam meros administradores do material didático, abandonando sua função no ambiente escolar.

Logo, a concepção de formação humana presente nas aulas de Educação Física apresenta fragilidades, sendo que essas não são somente de responsabilidade dos professores, pois ele não é culpado por tudo. A cultura corporal sistematizada pela abordagem crítico-superadora se apresenta como uma possibilidade de superação dos problemas apresentados, uma vez que ela visa à formação integral dos indivíduos e apropriação dos conhecimentos, a fim de modificar a prática social do sujeito. Contudo, é compreendido que a lógica da organização da sociedade influencia o modo como está se dando o processo de formação humana e, por isso, somente com a superação dessa ordem vigente é que essas concepções de formação utilitarista serão modificadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1996.

CASTELLANI FILHO, Lino *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. Capítulo um: O Contexto da Educação Física na Escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física no Ensino Superior: Educação Física na escola implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koohgan S.A., 2005.

DUARTE, Newton Duarte. Formação de Indivíduo, Consciência e Alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44-63, abril 2004.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A Periodização do Desenvolvimento Psicológico Individual na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**. Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64- 81, abril, 2004.

FEIRA DE SANTANA. **Projeto Político Pedagógico**. CIEAC, 2018.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina *et al.* Educação Física, ser Professor e Profissão Docente em Questão. **Pensar a Prática** 11/2: 209-218, maio/ago. 2008.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Experiências profissionais, identidades e formação docente em Educação Física. **Rev. Port. de Educação** v. 23 n. 2, Braga, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Hugo Noberto. Os saberes necessários à prática docente em Educação Física escolar na percepção dos acadêmicos da Licenciatura em Educação Física do CEFD/UFMS. **EFDeportes**, Revista Digital. Buenos Aires, ano 15, nº 150, novembro de 2010.

LEONTIEV, Alexis. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978. Páginas: 261-284.

MACHADO, Thiago da Silva. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abril/junho de 2010.

MARTINS, André Silva. Sobre a função e especificidade da educação escolar no mundo contemporâneo. In: REIS, Adriano de Paiva *et al.* **Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RESENDE, Helder Guerra de; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Conhecimento e Especificidade da Educação Física Escolar, na Perspectiva da Cultura Corporal. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl.2, p.49-59, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. rev. 1º reimpr. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção Educação Contemporânea).

TAFFAREL, Celi. Do Trabalho em Geral ao Trabalho Pedagógico: contribuição ao debate sobre o trabalho pedagógico na Educação Física. **Motrivivência**, ano XXII, nº 35, p. 18-40, dez. 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.